



## CARTOGRAFIAS INFANTES: Encontros entre brincar e Amazônia(s) em pedagogias do sensível

LOUSAN, Luiza Macedo<sup>1</sup>  
AIKAWA, Mônica Silva<sup>2</sup>  
SOUZA, Wytallo Souza de<sup>3</sup>

**RESUMO:** Este estudo investiga os saberes e fazeres que constituem um professorar com infâncias, considerando as articulações entre espaços, tempos e territórios educativos, especialmente no contexto do encontro com Ciências e Amazônia(s). Mobilizada pelo pensamento da diferença, a partir de Gilles Deleuze, Félix Guattari e Sandra Corazza, o trabalho tem como objetivo compreender de que modos uma educação sensível se produz nos encontros com o brincar, as ciências e os territórios amazônicos, tomando a noção de afecção como central para pensar os processos educativos com as infâncias. A pesquisa foi desenvolvida por meio de uma abordagem investigativa em inspiração cartográfica, utilizando como procedimentos a pesquisa narrativa auto biográfica em invenção de si, o mapeamento e a observação do sensível e a cartografia das experiências ao longo do percurso formativo. Observamos que os processos educativos se constituíram de forma não linear, atravessados por afetos, experiências e relações com o território, evidenciando a indissociabilidade entre saberes e fazeres. Identificamos a centralidade do corpo, do brincar e da escuta na produção de aprendizagens como dispositivos que reconfiguram tempos, espaços e modos de aprender, ser, viver. Os resultados incitam a uma educação que se produz como campo de invenção, no qual práticas pedagógicas emergem de forma singular, plural e sensível, apontando para a experimentações de si em ações formativas de Pedagogias Amazônidas que habitem a diferença, o brincar, os territórios locais e as infâncias.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação sensível; Formação docente; Pedagogia(s); Amazônia(s).

### 1. TRAÇADOS INICIAIS DO PERCURSO INVESTIGATIVO

Brinquedos não são ferramentas.  
Não servem para nada.  
Brincamos porque o brincar nos dá prazer.  
(Rubem Alves, 2023)

A presente pesquisa se insere no campo dos estudos sobre formação docente e o professorar, tomando como foco os saberes e fazeres que constituem o ensino e a aprendizagem em suas dimensões teórica, prática e sensível, onde o prazer com o brincar nos toma. Parte-se da problematização do brincar em suas relações

<sup>1</sup> Graduanda em Pedagogia, Bolsista FAPEAM, Universidade do Estado do Amazonas, Escola Normal Superior, lml.ped23@uea.edu.br.

<sup>2</sup> Doutora em Educação na Amazônia, professora da Universidade do Estado do Amazonas, Escola Normal Superior, maikawa@uea.edu.br.

<sup>3</sup> Graduando em Pedagogia, Universidade do Estado do Amazonas, Escola Normal Superior, wsds.ped23@uea.edu.br.



educativas mediante a homogeneização das práticas pedagógicas, que tendem a desconsiderar as singularidades dos sujeitos, dos territórios e das experiências formativas, especialmente em contextos como as Amazônia(s).

A brincadeira, o brincar e o brinquedo que falamos aqui é outro! Brincamos com um professorar-que-pesquisa, com uma pesquisa-que-ensina e se encontra com as infâncias. E, com o pensamento da diferença em Gilles Deleuze e Félix Guattari, a pesquisa problematiza a separação entre teoria e prática, compreende o professorar como campo de invenção no qual saberes e fazeres se produzem de forma indissociável. Nessa perspectiva, o ensino e a aprendizagem são entendidos como acontecimentos, que emergem nos encontros entre sujeitos, conhecimentos, linguagens e territórios, deslocando a centralidade de modelos fixos e universais.

A noção de afecção, central no pensamento de Gilles Deleuze, permite compreender os processos formativos como atravessados por forças que aumentam ou diminuem a potência de agir dos sujeitos. Nessa direção, aprender não se reduz à assimilação de conteúdos, mas envolve as variações produzidas nos encontros, indicando que é a partir do que afeta o corpo e o pensamento que se abrem possibilidades de problematização e criação. Assim, os processos pedagógicos podem ser compreendidos como tramas de relações e intensidades que mobilizam experiências, sensibilidades e modos de existência.

Mapear aspectos de uma educação sensível a partir dos encontros com o brincar, as ciências e as Amazônia(s), entendendo esses campos como potenciais espaços de produção de subjetivações infantis e de invenção pedagógica é fundamental para considerar os processos educativos como atravessados por relações, experiências e territorialidades. Busca-se cartografar modos de professora com as infâncias que escapem a modelos normativos e habitem a diferença, a experimentação e a criação.

A cartografia enquanto metodologia de pesquisa se atravessa pela invenção, sem a definição de categorias fixas a priori, pois acompanha os fluxos, intensidades, afetos e deslocamentos que emergem ao longo do pesquisar. Esse movimento acontece em diálogo com a Filosofia da Diferença, a partir das contribuições de Gilles Deleuze e Félix Guattari, permitindo afirmar a formação docente como um campo de experimentação, aberto a devires, às multiplicidades e às invenções que escapam às lógicas normativas e prescritivas da educação e das infâncias.





Diante disso, a pesquisa tem como objetivo compreender como os saberes e fazeres pedagógicos com as infâncias se constituem em processos de ensino e aprendizagem, considerando suas dimensões éticas e estéticas, bem como as articulações entre espaços e tempos educativos, a partir de uma perspectiva sensível, cartográfica e inventiva.

## 2. AFECÇÕES, TERRITÓRIOS E INFÂNCIAS: COMPOSIÇÕES TEÓRICAS PARA PENSAR O SENSÍVEL

Não sei como preparar o educador. Talvez porque isso não seja necessário e nem possível... É necessário acordá-lo.  
(Rubem Alves, 2023)

Pensar a educação a partir do sensível implica deslocar concepções tradicionais de ensino centradas na transmissão de conteúdos e na organização linear dos processos de aprendizagem. Nessa perspectiva, o sensível se refere a uma dimensão subjetiva ou emocional da experiência educativa, constitui um campo de produção de conhecimento que emerge das relações entre corpo, pensamento, afetos e território, frente a uma estética e ética de si. A cor dar é necessário!

Nesses coloridos, a Filosofia da Diferença nos atravessa, especialmente nas reflexões de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995), o conceito de afecção permite compreender o sensível como aquilo que atravessa os corpos e produz variações nas formas de perceber, sentir e pensar. As afecções dizem respeito aos encontros que aumentam ou diminuem a potência de agir dos sujeitos, produzindo deslocamentos e transformações. Nesse sentido, aprender envolve aquilo que afeta os sujeitos, mobilizando experiências que produzem pensamento.

Ao considerar a educação como campo de afecções, o professorar passa a ser compreendido como acontecimento que se produz nos encontros entre sujeitos, saberes, linguagens e territórios. O ensino e a aprendizagem deixam de ser pensados como etapas previsíveis e passam a ser entendidos como processos abertos, nos quais emergem experiências singulares e modos diversos de relação com o conhecimento, mais voltados para afirmação da vida.

Nesse contexto, as reflexões de Sandra Mara Corazza (2013) contribuem para pensar a educação como espaço de criação e invenção. Para a autora, ensinar e aprender não se reduzem à transmissão de conteúdos ou à aplicação de métodos previamente definidos, visto que constituem processos de produção de pensamento





que se realizam nas relações entre sujeitos, linguagens e experiências, vivos em atos de tradução e criação. A escola, nesse sentido, pode ser compreendida como um território de experimentação, no qual se abrem possibilidades para a emergência de outros modos de aprender, ensinar e habitar o conhecimento.

Corazza propõe um deslocamento da compreensão da educação de uma lógica centrada na reprodução de saberes para uma perspectiva que valoriza a invenção, a singularidade e a multiplicidade. Tal deslocamento se aproxima da ideia de educação sensível ao reconhecer que os processos formativos são atravessados por experiências, afetos e acontecimentos que mobilizam o pensar-sentir-viver. Assim, aprender, ensinar, assimilar informações, compõem uma experimentação com o mundo, uma produção de sentidos e criação de relações com o conhecimento, consigo, com os outros, com o território.

Essa perspectiva se torna particularmente potente quando articulada às experiências do brincar e às relações com os territórios. Ao compreender a infância como campo de potência inventiva, Corazza (2017) evidencia que as crianças produzem conhecimentos por meio da experimentação, da imaginação e da criação, dimensões expressas intensamente ao brincar. Nesse movimento, o brincar se configura como espaço de produção de experiência sensível, com o corpo, o território e as relações com o mundo, em duplas-capturas com o vivido e o vivível.

A partir dessa perspectiva, o brincar se transmuta em um campo de intensidades, no qual as crianças são elas mesmas, exploram possibilidades, criam narrativas próprias, transformam objetos e experimentam diferentes formas de habitações, torna-se mais si mesmas. Nesse brincar, o corpo assume outra forma, uma vez que se torna aberto às afecções, aos acontecimentos, à experimentação com o sensível e se afasta um pouco da premissa prescritiva do brincar com intencionalidade pedagógica. Será que esse brincar em uma educação sensível consegue se afastar das didatizações do corpo?

Nesse sentido, o brincar se parece mais como um acontecimento que produz vidas não apenas foca em cognições. Nos encontros brincantes, as crianças exploram o espaço, estabelecem relações com outros corpos, inventam outras brincadeiras e se reinventam em outras de si com os outros e produzem narrativas que transformam seus cotidianos em campo de experimentação.

Quando articulado a uma perspectiva de educação sensível, produz-se um brincar enquanto dispositivo potente para pensar processos pedagógicos que





habitem a experiência, a escuta e a criação e se preocupe com a afirmação da vida. Ao reconectar o corpo à educação e ao reconectar-se com o corpo, a educação sensível movimenta a imaginação como dimensões constitutivas do si, abre-se espaço para educações mais abertas à diferença, à multiplicidade e às singularidades das infâncias e das docências.

Assim, um brincar a partir das afecções pode reconectar os processos educativos aos encontros que mobilizam o corpo, as pessoas, abrindo-se a outras formas de pensar, sentir, aprender e viver. Nesse sentido, uma educação sensível com as infâncias não se organiza a partir de modelos fixos, mas se constrói nos acontecimentos que atravessam os cotidianos, afirmando o brincar como espaço de invenção, experiência e produção de si.

### 3. MOVIMENTOS DO PESQUISAR: CAMINHOS METODOLÓGICOS

E o Mestre fala:  
por todos estes caminhos já andamos.  
Ensinei-lhe aquilo que sei.  
Já não há surpresas.  
(Rubem Alves, 2023)

Assim seguem meus (des)encantos com a docência que pensa o brincar catequizado, voltado para aprendizagem de uma letra ou sílabas, ou para desenvolver alguma habilidade, alguma competência. Ensinaaram-me aquilo que já sabiam! E não tive mais surpresas...Seria isso o brincar? Seria esse o modo de ser professora? Aqui nos ocupamos do brincar, um que seja alinhado com a afirmação de vidas, que não sabemos qual é, não há rota definida ou definitiva, experimentamos, cartografamos.

Com isso, a pesquisa se desenvolveu a partir de uma abordagem orientada pelo pensamento da Diferença e pela cartografia como método, conforme as contribuições de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Tal perspectiva metodológica compreende a investigação como um processo em movimento, que busca acompanhar os acontecimentos e mapear as forças, afecções e intensidades que atravessam os processos pedagógicos. Nessa perspectiva, a pesquisa de iniciação científica é compreendida como um processo vivo, atravessado por experiências, infância, relações e contextos, especialmente no âmbito das Amazônia(s).

Entende-se por educação sensível aquela que se constitui na abertura ao encontro, à escuta e às experiências que mobilizam corpo, pensamento e território.





O sensível não é tomado como dimensão acessória ou meramente subjetiva, mas como campo de produção de conhecimento, no qual saberes e fazeres se produzem de forma singular, relacional e inventiva. Assim, investigar processos pedagógicos a partir dessa perspectiva implica deslocar o foco da transmissão de conteúdos para a atenção às afecções que atravessam os sujeitos nos encontros educativos.

Em consonância com o objetivo do estudo de mapear aspectos de uma educação sensível, a cartografia será adotada como estratégia metodológica que privilegia o acompanhamento dos encontros e das experiências. Trata-se de uma imersão nos acontecimentos desse professorar que se propõe uma educação sensível com as infâncias.

A cartografia se configura como um modo de sentir de acontecimentos, de processos do pesquisar em sua dimensão viva e mutável. Cartografar implica habitar o campo de pesquisa de docências com infâncias, seguindo seus fluxos, rupturas e variações, construindo mapas abertos que se transformam ao longo do percurso investigativo. Nessa direção, a pesquisa se desloca de uma lógica de explicação para uma lógica de implicação, na qual nós pesquisadoras/es também constituímos o próprio processo e nos implicamos com ele.

Por meio de narrativas formativas, escritas de si são compreendidas como um dispositivo de produção de conhecimento e acompanhamento dos encontros produzidos ao longo da pesquisa, com os processos, relações e as afecções que atravessaram o professorar com infâncias nos contextos investigados. Por meio dessas narrativas, torna-se possível acompanhar os modos como os encontros com o brincar, com as ciências e com as Amazônia(s) mobilizam os modos de perceber, sentir e pensar os processos pedagógicos. Assim, registra-se movimentos de elaboração da experiência, nos quais corpo, território e relações educativas se tornaram visíveis como dimensões constitutivas da produção de saberes e fazeres sensíveis, evidenciando a formação docente como processo vivo, situado e atravessado por acontecimentos.

Os encontros com o brincar são considerados como espaços de experimentação e criação, nos quais se manifestam práticas pedagógicas que valorizam o corpo, a imaginação e a invenção. Os encontros com as ciências são abordados em sua dimensão investigativa e experiencial, buscando compreender práticas que tensionam a ideia de ciência como conhecimento fechado e





transmissível. Já as Amazônia(s) serão tomadas como território de produção de saberes, evidenciando relações entre cultura, natureza, experiência e educação.

Os movimentos, recorrências e intensidades que emergirem ao longo da pesquisa, tais como as afecções, os deslocamentos, as relações com o território e as invenções pedagógicas são dispositivos que permitem os fazeres pedagógicos em sua dimensão sensível, em articulações com brincar, ciências e Amazônia(s).

Assim, os processos pedagógicos passam a ser vividos como espaços de emergência ao novo, com o novo, nos quais algo pode acontecer e produzir diferença, algo pode nos capturar e ser capturado. O acontecimento nesse pesquisar depende das condições de abertura ao encontro, à escuta e ao inesperado. É nesse sentido que a educação sensível se aproxima da noção de acontecimento, ao valorizar aquilo que irrompe nos processos formativos e que transforma modos de pensar, sentir e agir.

A análise ocorre em fluxo e de forma cartográfica, sem categorias fixas previamente definidas, buscando sentir movimentos, relações e sentires emergentes ao longo da pesquisa. Dessa forma, a intempestividade permeia esse pesquisar que se constitui com as docências do sensível e as infâncias e seu brincar.

#### 4. MOVIMENTOS DO MAPEAMENTO

Sem a educação das sensibilidades, todas as habilidades são tolas e sem sentido.  
(Rubem Alves, 2023)

Os movimentos de mapeamento realizados ao longo da pesquisa evidenciam que a educação sensível se constitui nos encontros que atravessam os processos formativos, especialmente nas experiências com o brincar, as ciências e as Amazônia(s). Inspirados na noção de afecção em Gilles Deleuze, observamos que o brincar se apresenta como um dispositivo potente de produção de conhecimento, no qual as crianças não apenas reproduzem práticas, mas inventam modos de relação com o mundo, acionando imaginação, corpo e território. Nesses encontros, o aprender desloca-se de uma lógica de transmissão para uma dimensão experiencial, marcada por afetos, curiosidade e criação.

A educação sensível não se configura como um conjunto de técnicas ou metodologias específicas, mas como um modo de atenção às afecções que atravessam práticas educativas. Nos registros narrativos e nos diários de campo, o





brincar emergiu como espaço de experimentação e invenção, no qual as crianças mobilizam saberes que escapam à lógica conteudista e linear. Ao contrário do que se pensa, o professorar-que-pesquisa com as infâncias mais aprendeu do que ensinou, aprendeu a se espantar com o corriqueiro, pois “para as crianças, tudo é espantoso: um ovo, uma minhoca, uma concha de caramujo, o voo dos urubus, os pulos dos gafanhotos, uma pipa no céu, um pião na terra” (Alves, 2023, p. 41), coisas que, nós, presos em nossa correria, deixamos de ver-sentir. O ensino de ciências pode se constituir como prática sensível quando se conecta com o cotidiano, com o ambiente e com as perguntas que emergem dos próprios sujeitos, favorecendo processos de aprendizagem mais significativos e inventivos.

Em relação às Amazônia(s), o mapeamento revela a potência dos territórios como espaços formativos, nos quais saberes locais, relações com a natureza e modos de vida produzem outras formas de ensinar e aprender. Observamos que os atravessamentos do contexto amazônico tensionam perspectivas universalizantes de educação, evidenciando a necessidade de práticas pedagógicas que considerem as especificidades culturais, ambientais e sociais da região. Além disso, os registros narrativos e as experimentações com o sensível permitem sentir uma formação docente em sua processualidade, sendo atravessada por afecções que produzem deslocamentos no modo de perceber, sentir e atuar na educação. Nesse sentido, analisamos que a educação sensível não se configura como um método ou modelo a ser aplicado, mas como um modo de estar em relação com o mundo, com o outro e com o conhecimento.

As afecções cartografadas apontam, portanto, que essa docência em formação, quando atravessada pelas dimensões do sensível, possibilitam a emergência de práticas mais abertas à diferença, à invenção e à multiplicidade de experiências, indicando caminhos para a construção de uma educação que se afasta de lógicas padronizadas e se aproxima dos contextos, dos sujeitos e de seus modos de existir. O mapeamento sugere que, ao permitir o professorar aberto ao campo de afecções, devires e agenciamentos com as infâncias, torna-se possível tensionar seus modelos normativos de ensino e abrir espaço para a emergência de uma educação que se faz na diferença, na multiplicidade e na invenção.

## 5. REVERBERAÇÕES DO PERCURSO

Nesse percurso, a noção de afecção foi fundamental para compreender como





os processos educativos com infâncias se produzem nos encontros que aumentam a potência de agir, sentir e pensar. Assim, configuramos como modo de atenção às forças que atravessam os processos formativos e produzem deslocamentos nos modos de ensinar e aprender. Nesse sentido, a centralidade do corpo, da escuta, da experiência e das relações com o território aponta para a necessidade de repensar as práticas educativas, valorizando a diferença, a multiplicidade e os contextos locais, emergem em contraposição a perspectivas homogêneas e universalizantes.

As Amazônia(s) foram sentidas como um território existencial, onde diferentes mundos coexistem e se produzem continuamente. Essa perspectiva rompe com visões universalizantes e coloniais que tendem a reduzir a região a um objeto de exploração ou a um cenário exótico, desconsiderando sua potência como espaço de criação de saberes. Ao afirmar as Amazônia(s) como conceito, deslocamos o olhar para suas multiplicidades, reconhecendo os modos de vida ribeirinhos, indígenas, urbanos e periféricos como produtores legítimos de conhecimento.

No campo educativo, essa cartografia nos implicou num reconhecimento de que ensinar e aprender na Amazônia não pode ser reduzido à aplicação de modelos externos e padronizados, colonizadores. Ao contrário, exige a construção de educações singulares, em relações com o território, com a natureza, com as infâncias locais e com as experiências vividas. Assim, as Amazônia(s) se constituem enquanto força ativa do sensível que atravessa e produz os processos formativos, tensionando currículos homogêneos e afirmando a necessidade de uma educação implicada com as singularidades locais. E como nos diz Rubem Alves “Uma escola é um caldeirão de bruxas que o educador vai mexendo para “desigualizar” as pessoas e fazer outros mundos nascerem...” (Alves, 2023, p. 36).

A partir das afecções reconhecemos as educações como campos de criação nos quais corpo, território e experiência participam ativamente da produção de si. Ao afirmarmos as afecções como dimensão constitutiva dos encontros pedagógicos, apontamos para a potência de uma educação sensível comprometida com as singularidades das infâncias, com os territórios amazônicos e com a produção de práticas educativas abertas à diferença, à experimentação e à invenção.

Dessa forma, o mapeamento remexe o caldeirão e nos remexe na formação, revirando que essa educação sensível se produziu nos encontros com o brincar, as ciências e os territórios amazônicos, foi afetada e nos afetou/afeta com a noção de afecção deleuze-guattariana, contaminando a formação em pedagogia com





pensares-sentires-viveres com as infâncias em abertura aos encontros. Por fim, dizemos da(s) Amazônia(s) que habitam nosso professorar com as infâncias, tocadas por territórios de saberes múltiplos e de um pensar e viver a educação a partir da Diferença, da experiência e de atos de criação.

## 6. AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas - (FAPEAM) e do Programa de Apoio à Iniciação à Docência da Universidade do Estado do Amazonas - (PAIC).

## REFERÊNCIAS

AGUIRRE, E.; MONTEIRO, S. B. **A filosofia da diferença**: Reterritorializando alguns conceitos deleuzianos no campo da educação. Educação E (Trans)formação, 2017.

AIKAWA, Monica Silva. **Cartografia florestal do corpo-brincante em escolas de primeira infância na Amazônia**. 2025. 120 f. Tese (Doutorado em Educação na Amazônia). Universidade Federal do Amazonas, Manaus (AM), 2025.

ALVES, R. **Por um educação sensível**. Jandira: Principis, 2023.

CORAZZA, S. M. . **O docente da diferença**. Duque de Caxias, RJ: Editora da UERJ, 2009 (Artigo publicado em Revista Eletrônica PALAVORAZ).

CORAZZA, S. M. (Org.). **Docência-pesquisa da diferença**: poética de arquivo mar./ Organizado por Sandra Mara Corazza. Porto Alegre-RS: Doisa; UFRGS, 2017.

CORAZZA, S. M. . **O que se transcria em educação?**. 1. ed. Porto Alegre: UFRGS; Doisa, 2013. v. 1. 227p .

DELEUZE, G. **Diferença e repetição**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 1995.

DELEUZE, G.; GUATTARRI, F. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Ed.34, 2010.

GRISOTTO, A. **Filosofia da diferença**: apontamentos em torno da aprendizagem do pensamento em filosofia. ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v. 14, n. 1, p. 179-198, jan./jun. 2012.

